

MENINAS MÃES

Taciano Valério Alves da Silva; Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas;
Luciana Leila Fontes Vieira*

Meninas (Brasil, 2005, 71')
Direção: Sandra Werneck
Fotografia: Fred Rocha e Heloisa Passos
Montagem: Fernanda Rondon
Música: José Miguel Wisnik & Paulo Neves
Som: Valéria Ferro
Edição de Som: Denílson Campos

O filme *Meninas* de Sandra Werneck (2005), dialoga com quatro adolescentes de favelas no Rio de Janeiro, Luana, Evelin, Edilene e Joyce. Consideramos que tais adolescentes são gestantes e possuem idades entre 13 e 15 anos. O filme documentário emerge a partir de imagens onde a câmera contempla gradativamente uma linear condição existencial das adolescentes durante a gravidez e durante alguns meses depois do parto. A cineasta Sandra Werneck pouco interage no filme e quando faz apresenta-se de forma sutil. Diante dos depoimentos das adolescentes algo parece nos chamar e levantar alguns questionamentos sobre tais adolescentes: como serão as suas vidas a partir do momento em que se tornarão mães? Como elas e os seus filhos estarão daqui há cinco, dez anos? Assim os questionamentos nos chegam pela condição de vida de cada adolescente em que muitas vezes a infância aparece posta lado a lado com todas elas e se apresenta num tripé mãe/filha/adolescente. Ademais na proporção dos acontecimentos de suas vidas encontramos a dura realidade em que as *Meninas* estão imersas: pobreza e alienação, mas também vemos o encantamento,

* Taciano Valério Alves da Silva: doutorando em Psicologia Clínica-Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP; Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas - UNICAP; Luciana Leila Fontes Vieira –Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Email: tacionovalerio@uol.com.br

enamoroamento com o mundo e uma espécie de um devir que se mostra ofuscado posteriormente pelo ineditismo de suas condições existenciais.

Um terreno limítrofe tão caro a psicologia e debatido constantemente através de nomeações aparece no interstício do filme com uma força avassaladora e comovente apontando para a vivência de um tipo específico de luto, pois tais adolescentes estarão se submetendo a ser mãe quando a primazia ainda deveria ser a vivência do lúdico, no entanto a troca objetal emerge quando o espaço do corpo cede lugar para o corpo de um outro: o filho. Assim cada adolescente é apresentada no filme com o seu conflito e as suas delongas, revoltas, buscas e inocências. Tudo isso enseja a todos nós querer saber sobre as condições e endereçamentos que tais meninas terão no futuro e assim os questionamentos expostos acima alteram a nossa paisagem vivencial pois carregaremos consigo uma espécie de um roteiro das suas vidas o qual nunca saberemos o desfecho. Logo o filme mostra-se necessário e consegue ter esse caráter de um devir e assim poderíamos questionar a Sandra Werneck, quem sabe, numa suposta continuidade do filme anos depois e aliviar ou mesmo intensificar o caráter desse vir a ser adolescente das meninas mães.

Consideramos então que a construção do filme se mostra enormemente valiosa para nos trazer o impacto vivencial dos acontecimentos de cada adolescente. O modo de representação do filme dialoga com alguns subgêneros do gênero documentário. O modo observativo, expositivo e participativo aparece e coloca em evidência o dinamismo do filme fazendo uma radiografia das adolescentes e nos dando um vivo interesse, muitas vezes trágico, de continuar com as adolescentes nos acontecimentos das suas existências e por isso o documentário nos deixa bem de perto daquilo que se constituiu um querer saber dos acontecimentos para mais além do próprio filme e assim meninas passarão a ser meninas mães.